

**REGISTRO DO ABANDONO SOCIAL EM QUARTO DE DESPEJO, DE CAROLINA
MARIA DE JESUS**

**RECORD OF SOCIAL ABANDONMENT IN THE DUMP ROOM, BY CAROLINA
MARIA DE JESUS**

Gabriela Moreira Silva¹

Universidade Federal do Tocantins

Resumo: O *corpus* desta pesquisa é o livro diário *Quarto de despejo* (2021), de Carolina Maria de Jesus, publicado em 1960 e tem por objetivo analisar como a obra *Quarto de despejo* (2021), de Carolina Maria de Jesus, se constitui como espaço de problematização da sociedade brasileira nos anos de 1960. Nesse artigo, observa-se como a voz autoral feminina negra é importante um canal de denúncia e reflexões sócio cultural em torno das pessoas e da vida na periferia. Além desse aspecto, também é discutida a importância de Carolina Maria de Jesus para os estudos literários brasileiros com temática gênero e interseccionalidade. A presente pesquisa tem por fundamentação teórica as autoras Bell Hooks, Conceição Evaristo, Fabiana Moraes, Lélia Gonzales e Djamila Ribeiro. Quando publicado, *Quarto de despejo* sofreu resistência da crítica literária que não a considerava com valor literário, talvez por se tratar de uma obra ambientada na favela, escrita por uma mulher negra, autodidata, mãe solteira, pobre e moradora da favela do Canindé- SP. Em seu diário, percebe-se a sua visão política aguçada, críticas em torno do preconceito racial, consciência acerca do papel da mulher na sociedade e reflexões em torno da falta de oportunidades destinadas às pessoas pobres e faveladas. *Quarto de despejo*, escrito no ano de 1955, retrata a realidade de muitos brasileiros ainda no ano de 2022.

Palavras-Chave: Abandono; Literatura; Racismo; Autoria negra.

Abstract: The corpus of this research is the daily book *Quarto de despejo* (2021), by Carolina Maria de Jesus, published in 1960 and aims to analyze how the work *Quarto de despejo* (2021), by Carolina Maria de Jesus, is constituted as a space for problematization of Brazilian society in the 1960s. In this article, it is observed how the black female authorial voice is an important channel of denunciation and sociocultural reflections around people and life in the periphery. In addition to this aspect, the importance of Carolina Maria de Jesus for Brazilian literary studies with gender and intersectionality themes is also discussed. This research is theoretically based on the authors Bell Hooks, Conceição Evaristo, Fabiana Moraes, Lélia Gonzales and Djamila Ribeiro. When published, *Quarto de despejo* suffered resistance from literary critics who did not consider it to have literary value, perhaps because it was a work set in the favela, written by a black woman, self-taught, single mother, poor and resident of the favela of Canindé-SP. In her diary, her sharp political vision, criticisms of racial prejudice, awareness of the role of women in society and reflections on the lack of opportunities for poor and slum dwellers can be seen. *Quarto de despejo*, written in 1955, portrays the reality of many Brazilians still in the year 2022.

Key-words: Abandonment. Literature. Racism. Black authorship.

Recebido em 14 de julho de 2023.

Aprovado em 15 de dezembro de 2023.

¹ Formada em Letras Literatura e Português, Universidade Federal do Tocantins. E-mail: gabrielamoreirasilva52@gmail.com

1 Introdução

Este artigo analisa a obra *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, e discute temas relativos à educação, consciência de classe, racismo estrutural, identidade, fome e miséria. Trata-se de uma reflexão sobre a vida em que a autora está inserida (sem oportunidades, sendo desprezada e abandonada pelo Estado). *Quarto de despejo* é um diário que relata a dura realidade de uma mulher negra, mãe solo, catadora, semianalfabeta e favelada, durante os anos de 1955 a 1960.

O diário, escrito em uma linguagem coloquial, não é apenas o relato da miséria e do sofrimento da autora, para alimentar seus filhos e sobreviver sem nenhum apoio do Estado e da sociedade, ele vai mais além e trata de questões sociais, culturais e políticas. Com isso, vale ressaltar a importância do registro do diário como um gênero textual, que possibilita o registro histórico de uma época e contribui para um estudo social e cultural, para além dos estudos literários.

A escolha desse tema justifica-se pelo desejo de se trabalhar a literatura de autoria feminina negra, destacando-se a importância de Carolina Maria de Jesus para os estudos literários contemporâneos da literatura brasileira; sendo o presente estudo feito a partir de uma abordagem sistematizada pelos estudos de gênero e interseccionalidade que realçam a relevância dessa obra como denúncia social.

O intuito dessa pesquisa é ampliar os estudos acerca da escrita de Carolina Maria de Jesus e trazer à luz dos estudos acadêmicos a importância dessa autora para os estudos literários sobre escrita e autoria negra, bem como considerar o diário como um gênero literário com valor para os estudos acadêmicos. Esse trabalho pode servir como fonte de pesquisa para futuros estudantes de letras, visto que no banco de dados de TCCs do curso de Letras da UFT há poucas leituras, trabalhos e pesquisas em torno de obras literárias de temática e de autoria negra. Portanto, essa pesquisa objetiva, também, ser uma reflexão que possibilite a abertura para demais pesquisas sobre o tema aqui abordado.

Além disso, busca-se averiguar os registros de abandono político e social no qual se encontram as pessoas pobres do *Quarto de despejo* para, a partir dessa análise, mostrar como a literatura é um mecanismo importante para denúncia das questões sociais das pessoas marginalizadas socialmente. Nota-se a importância de se considerar essa obra literária como

denúncia da pobreza, do desprezo, da miséria e do abandono social em que se encontram as pessoas pobres da periferia brasileira.

Feitas essas considerações iniciais, faz-se agora a apresentação da estrutura dissertativa desta presente pesquisa. A mesma está estruturada da seguinte forma: O primeiro tópico se intitula “Sobre o diário de Carolina” e apresenta o diário como gênero textual menor para os gêneros literários, enfatizando a sua importância nos estudos sobre gêneros, destacando as características do diário da autora. O segundo tópico chama-se, “Quem foi Carolina Maria de Jesus?” e apresenta quem é a autora deste diário de sobrevivência. O terceiro tópico é nomeado “Adentrando a realidade de Carolina” no qual faz-se a análise da obra, destacando-se vertentes da educação, identificação e representação do negro. O quarto tópico denomina-se “Estudos literários e estudos negros” no qual são apresentadas as principais teorias que dão suporte à discussão aqui proposta. O quinto capítulo é nomeado “A educação como libertação econômica e porta de saída da miséria”, realçando como a educação é capaz de libertar e ser porta de saída. Logo em seguida, as conclusões e as referências.

Para Bakhtin (1977), os gêneros discursivos são divididos em primários e secundários, os primários são aqueles ocasionados em situações do dia a dia, simples, com comunicações imediatas, compostos pela realidade concreta, já os secundários são situações comunicativas que exigem pesquisa, mais complexos e completos, ou seja, exige um preparo. Dito isso, o diário de CMJ está presente no gênero discursivo “Cada palavra que foi escolhida para a escrita assume um papel importante na configuração do diário, que registra as sensações de momentos específicos.” (SILVA-PEREIRA, 2016, p. 299) O diário é um relato, mas também é narrativa (contendo espaço, tempo, personagens e narrador).

Por fim, a metodologia aplicada para a realização deste trabalho foi a pesquisa bibliográfica (leitura e pesquisa teórica). Além da leitura do nosso *corpus*, foram feitas leituras teóricas acerca das questões de racismo no Brasil, feminismo negro e abordagens sobre a questão negra e o abandono social.

2 SOBRE O DIÁRIO DE CAROLINA

No ano de publicação do *Quarto de despejo*, 1960, Carolina sofreu resistência da crítica literária em reconhecer o valor da obra, pois tratava-se de um diário. Sua obra foi intitulada como “simples anotações de memória”, a literatura não aceitava o diário como gênero textual, diante disso criaram essa firmeza e preconceito com a autora. Foi a primeira vez que uma mulher negra, autodidata, semianalfabeta, pobre e moradora de uma favela publica um livro.

Outro ponto questionado sobre a obra, referia-se ao caráter de “ficção ou realidade?”, por isso, chegaram a cogitar a real existência de Carolina Maria de Jesus. No diário CMJ narra suas vivências e escreve suas emoções em seus cadernos, enfatizando a dureza da sua realidade, ao mesmo tempo em que era resistência.

Carolina Maria de Jesus é uma escritora atemporal, pois retrata a realidade de muitos brasileiros. Conforme menciona Audálio Dantas, Carolina partilha a vivência não somente dela, mas de muitos atualmente “[...]Quarto de despejo não é um livro de ontem, é de hoje. Os quartos de despejo, multiplicados, estão transbordando” (DANTAS, 2021, p.9). Carolina está presente nos movimentos culturais e sociais comunitários, sendo um referencial, principalmente para mulheres escritoras negras. A sua representatividade é enorme, nas questões sociais e de gênero.

Nota-se a importância do gênero textual diário, através dos escritos de Carolina, pois por meio deles foi possível registrar uma realidade de vida, a desigualdade social, a luta por espaço e dignidade, enfrentada diariamente pela autora. O diário trata-se de um relato, mas também é uma narrativa, pois pode-se contemplar todos os elementos (narrador, espaço, tempo e enredo) presentes na escrita da autora. Percebe-se que a narrativa foi necessária e que a sua escrita é uma denúncia para sociedade. Apesar da simplicidade em sua escrita Carolina Maria de Jesus utiliza metáforas, nesse trecho ela usa a cor roxa para expressar um sentimento, sendo ele a amargura. “... Chegou o esquife. Cor roxa. Cor da amargura que envolve o coração dos favelados.” (JESUS, 2021, p.34)

Os diários são textos pessoais compostos por fatos do cotidiano, nesse gênero textual encontra-se a linguagem coloquial, simples, aquela utilizada no dia a dia, vale ressaltar que o diário é contido de opiniões, situações vivenciadas, sentimentos, vontades, tudo aquilo que compõe um ser. Faz o uso da narrativa, sendo composta por personagens, enredo, tempo e espaço. Essa narrativa é utilizada para contar o dia a dia de uma pessoa, em ordem cronológica e evidenciando os fatos mais importantes daquele dia.

A realidade de Carolina, descrita neste diário, foi questionada na época, por conta da linguagem utilizada pela autora nos seus relatos, ao expor a sua vida na favela. Em alguns casos, descreviam o diário de Carolina como ficcionalidade.

A obra *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus é constituída por 20 capítulos, sendo escritos durante 5 anos. A autora denuncia a realidade vivenciada por uma mulher negra, moradora da favela, mãe solo e catadora de recicláveis, ao longo de exaustivos 261 dias, distribuídos em temáticas como: violência, miséria, fome, abandono social, tristeza, solidão, angústia, maldade, falta de esperança e ausência de sorrisos. Assim foram vivenciados os anos 1955 até 1960 por Carolina e seus filhos, vale realçar que devido à rotina repetitiva da autora, Audálio Dantas selecionou as partes mais significativas, como menciona no seguinte trecho presente no prefácio da obra de Carolina: “A repetição da rotina favelada, por mais fiel que fosse, seria exaustiva. Por isso foram feitos cortes, selecionados os trechos

mais significativos.” (DANTAS, 2021, p.6).

Carolina narra com extrema fidelidade a realidade do povo negro, favelado, pobre e periférico. Os temas mais enfrentados foram o alto custo de vida, a escravatura atual, como menciona a autora (a fome), o cansaço, a angústia com o futuro e com o amanhã, a preocupação com a alimentação, o desprezo vivenciado pela população da favela, a falta de esperança, o medo, as maldades que praticavam com os moradores, as doações que eram realizadas ao longo dos anos em datas específicas e raras e toda essa realidade era narrada por Carolina através de uma linguagem simples, original e de extrema sensibilidade.

2.1 Quem foi Carolina Maria de Jesus?

Carolina Maria de Jesus (1914-1977) nasceu na cidade de Sacramento, Minas Gerais, no ano de 1914, onde permaneceu até a morte de sua mãe, em 1937. Logo após, mudou-se para o estado de São Paulo, residindo na Favela do Canindé, na zona Norte. A escritora estudou somente até o segundo ano do ensino fundamental, devido à realidade de dificuldade que vivenciava juntamente de sua mãe. Carolina construiu um barraco, na favela, com o que ela encontrava no lixo: papelão e latas. Ela era catadora de papel, vendia o que coletava para reciclagem, sendo esse o seu sustento e também dos seus três filhos. Apesar de todas essas dificuldades, vale ressaltar que o seu grande sonho era ser uma escritora reconhecida e com muitos livros publicados. Em seu diário, Carolina escreve que leva para casa os livros que encontra no lixo para lê-los quando tem tempo.

Audálio Dantas foi o jornalista responsável pela descoberta dessa escritora, tendo a encontrado quando foi fazer uma reportagem na favela do Canindé. No prefácio de *Quarto de despejo*, ele a definiu como sendo “[...]uma negra que tinha o que dizer” (DANTAS, 2021, p. 2). Dantas relata que no momento em que conheceu os escritos do diário de Carolina desistiu imediatamente da matéria e investiu na publicação e voz de Carolina Maria de Jesus. Os trechos selecionados e “[...]mais significativos” (DANTAS, 2021, p. 2) relatam a amarga realidade dos favelados na década de 1950, apresentando a exaustiva rotina repleta de fome, miséria, violência e dificuldades para conseguir comida.

O livro *Quarto de Despejo* foi um sucesso de vendas fora do Brasil, um Best-seller traduzido em mais de 16 línguas que expôs a realidade dos favelados, mostrando a visão de dentro da favela e dando voz (espaço) para uma escritora negra e de pouca escolarização. Entretanto, aqui no Brasil, o livro foi rechaçado pela crítica e pelos estudos acadêmicos.

Esse livro é um referencial extremamente importante para estudos culturais e sociais do Brasil, sendo possível perceber que, em seu diário, a escritora apresenta sua dificuldade cotidiana de sobrevivência, que é a mesma dificuldade de milhões de pessoas. Além do relato da miséria e abandono de parte da população do país, CMJ também fala da importância da educação como forma de mudança social e deposita no estudo, na escrita e na leitura um alento, uma esperança.

Através do sucesso de sua obra *Quarto de despejo*, Carolina conseguiu comprar um sítio e retornar para Minas Gerais, obteve a tão sonhada casa. Logo após, publicou mais dois livros, em 1961, sendo eles Casa de alvenaria (JESUS, 1961) e Pedacos da fome (JESUS, 1963) porém não alcançou sucesso em vendas. Carolina e suas obras não foram aceitas, pois não tratava de uma mulher negra escrevendo sobre a fome e a miséria, mas sim da saída da favela, a conquista de uma casa e uma nova posição, nota-se que a sociedade não contempla as conquistas de uma mulher negra, fica evidente os resquícios de racismo, abandono social e escravidão, pode-se observar os paradigmas históricos.

A escritora teve seu livro traduzido em dezesseis idiomas, em mais de 40 países e mais de 70 mil exemplares vendidos, mas não recebeu a devida atenção depois que “[...]deixou de escrever sobre a miséria”(MACHADO, 2006, p.106), e isso diz muito sobre a sociedade brasileira, quando é para usar as mulheres, explorar uma realidade, falar sobre a pobreza e miséria é aceito, lido e muito interessante, porém, quando recebem o mínimo para uma vida digna e conseguem sair das suas amarras, são ignoradas ou desvalorizadas quanto à importância dos seus trabalhos.

Djamila Ribeiro em seu livro “Pequeno Manual anti-racista” traz muitos questionamentos acerca do racismo estrutural da sociedade brasileira, refletindo por qual motivo Carolina Maria de Jesus não continuou sendo valorizada durante a sua escrita “fora da favela”: “Se a população negra é a maioria no país, quase 56%, o que torna o Brasil a maior nação negra fora da África, a ausência de pessoas negras em espaços de poder deveria ser algo chocante” (RIBEIRO, 2019, p. 16) por qual razão as pessoas negras, mesmo sendo a maioria no país ainda não ocupa grandes espaços de poder, dentro deles, são a minoria. Por qual motivo Carolina Maria de Jesus não foi acolhida em seus escritos?

2.2 Adentrando a realidade de Carolina

Quarto de despejo é um livro que retrata a rotina exaustiva de uma mãe favelada, catadora de papel, residente na favela do Canindé -SP. No diário, Carolina Maria de Jesus relata seu dia-a-dia sofrido, a miséria em que se vê inserida juntamente com seus filhos pequenos. O diário de Carolina Maria de Jesus é um relato cru da miséria, do racismo, da violência, da dura realidade da fome, vivenciadas pelas pessoas da favela e, principalmente, é um relato profundo da invisibilidade social.

A obra é composta por 20 cadernos, escritos por Carolina Maria de Jesus, durante os anos 1955 a 1960, divididos em dia, mês e ano. Na sua escrita, Carolina descreve como é ser

mãe de três filhos, solteira, catadora de lixos recicláveis, negra e descreve a dificuldade de uma vida feita de lutas contra o preconceito, a fome e a invisibilidade de classe social em um país classista.

Em seu diário, Carolina Maria de Jesus mostra a dificuldade enfrentada pelas pessoas subalternas, a indiferença político-social em torno dos moradores da favela e fala tanto da dor de sentir fome, quanto da dificuldade enfrentada para alimentar seus filhos. Carolina Maria de Jesus expõe a indiferença de um país que leva milhões de pessoas à miséria econômica que escraviza a população a uma vida de privações. A autora também relata, através de uma visão extremamente crítica, como é ser lembrado somente em épocas políticas, por isso, pode-se afirmar que Carolina Maria de Jesus fez da escrita um trabalho de denúncia social e de reflexão sobre o abandono econômico, cultural e social que as pessoas da favela enfrentam por toda a vida.

A obra de Carolina é escrita em primeira pessoa, contando o cotidiano e a realidade vivenciada pelos moradores da favela. A narrativa acontece na favela do Canindé, em São Paulo, durante os anos de 1955 e 1960. A personagem principal dessa narrativa é a própria autora Carolina Maria de Jesus, mãe solo, catadora de papel, mulher negra, nascida em Minas Gerais, mais devido ao falecimento de sua mãe só encontrou moradia na favela, devido à sua árdua realidade, juntamente com os seus filhos (Vera Eunice, João José e José Carlos) por quem Carolina batalhava e levantava todas as manhãs. Os outros personagens dessa narrativa são os vizinhos, as autoridades e as pessoas que realizavam doações para os moradores.

O diário de Carolina expõe a triste realidade e a cruel vida que existe nas favelas, a autora narra sobre a fome, o preconceito, o medo, o sofrimento, a violência e principalmente sobre o abandono e solidão vivenciados. Um ponto importante a ser mencionado é sobre a instabilidade na escrita do diário, existem dias que foram retirados pela rotina exaustiva, mas outros nem sequer foram escritos, pois Carolina estava fraca e doente devido à sua realidade social.

Carolina é descrita por Audálio Dantas em seu prefácio como uma negra que tinha o que falar, por meio da sua escrita autêntica, com uma linguagem simples, ela permanece extremamente atual: “...encontrei a negra Carolina, que logo se colocou como alguém que tinha o que dizer. E tinha!...” (JESUS, 2021, p.6).

A autora do diário é considerada uma mulher autodidata, ela frequentou somente os primeiros anos da educação básica, porém por ser apaixonada pela literatura, desfrutava de todo o material encontrado no lixo para ler e escrever. A linguagem de Carolina é única, uma

linguagem simples, sensível, mas fazendo o uso de metáforas, questionamentos profundos e reais. Carolina é autêntica e a sua escrita é atual, ela vive.

Durante os dias narrados por ela, percebe-se a insatisfação da autora com o alto custo dos itens básicos para sobrevivência, como por exemplo: arroz, feijão e vestimentas. No seguinte trecho Carolina relata o desejo de presentear sua filha com um sapato novo no aniversário, mas devido ao alto preço precisou remendar um que encontrou no lixo: “.... Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela, mas o custo dos generos alimenticios nos impede de realização dos nossos desejos. Atualmente, somos escravos do custo de vida.” (JESUS, 2021, p. 11).

Outro relato de Carolina é a necessidade de batalhar todos os dias para sustentar a sua família, Carolina Maria de Jesus percebe que o pobre “[...] Não tem o privilégio de gosar do descanso” (JESUS, 2021, p. 12). Portanto, o descanso é um privilégio das classes abastadas enquanto o pobre leva uma vida não podendo parar, não se permitindo ao menos descansar, nota-se através do seguinte trecho a opinião da autora: “Saí indisposta, com vontade de deitar. Mas o pobre não repousa”. (JESUS, 2021, p.12)

Em seu diário, Carolina narra seu descontentamento em relação a sociedade, expondo que as pessoas negras, faveladas vivem à margem, a autora revela as conjunturas que o povo negro vivencia diariamente. Diante disso, Lélia González evidencia que para o Brasil tornar-se uma democracia racial é necessária uma conscientização de todos:

Enquanto a questão negra não for assumida pela sociedade brasileira como um todo: negros, brancos e nós todos juntos refletirmos, avaliarmos, desenvolvermos uma práxis de conscientização da questão da discriminação racial nesse país, vai ser muito difícil no Brasil, chegar ao ponto de efetivamente ser uma democracia racial. No lastro do todo das questões que estão colocadas, o que se percebe é que estamos num país em que as classes dominantes, os donos do poder e os intelectuais a serviço dessas classes, efetivamente, não abrem mão. Eles não estão a fim de desenvolver um trabalho no sentido da construção de uma nacionalidade brasileira; nacionalidade esta que implicará efetivamente na incorporação da cultura negra. (GONZÁLEZ, 2019, p. 223)

Perante ao exposto por Lélia González a sociedade como um todo precisa de uma consciencialização e acolher a luta diária do povo negro, visto que o Brasil é um país guiado pelas forças e classes dominantes e completamente excludente às outras classes.

2.3 Estudos literários e estudos negros

Estudar literatura de autoria negra é uma forma de se colocar politicamente na sociedade brasileira. Durante séculos, a voz autoral negra foi silenciada e desacreditada pelo sistema literário, a salvo Machado de Assis, Lima Barreto e Cruz de Sousa, três autores negros do século

XIX que conseguiram furar o racismo ideológico que perpassa a sociedade e o sistema literário. Se foi difícil para autores negros encontrarem lugar de fala na produção literária, o que dizer quando se trata de uma voz autoral negra feminina?

A primeira escritora negra que se tem conhecimento, ainda que tardio, é Maria Firmina dos Reis, escritora do século XIX e que ficou esquecida dos estudos acadêmicos até o ano 2000, quando foi “redescoberta” pela pesquisa realizada pelos estudos feministas da Universidade Federal de Santa Catarina, através da pesquisa sobre Escritoras brasileiras do século XIX, realizada pela professora Zahidé Lupinacci Muzart. Segundo Conceição Evaristo, em entrevista concedida ao site RFI, “[...]A autoria negra existe e não é de hoje” (EVARISTO,2017) mas a população precisa querer conhecê-las, ou seja, escritoras negras existem há muito tempo e necessitam serem lidas e reconhecidas pela sociedade e pelo sistema literário brasileiro.

A literatura contemporânea trata-se da literatura atual, apresenta aquilo que está sendo vivenciado no momento, com isso gerando possibilidades para várias temáticas, personagens protagonistas (a valorização daqueles que na literatura tradicional estariam à margem da sociedade), culturas e diversas realidades, ou seja, a literatura contemporânea é sobretudo “heterogeneidade”, como menciona Férrez: “A literatura marginal, sempre é bom frisar, é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, ou seja, os de grande poder aquisitivo.” (FÉRREZ, 2005, p.12).

Através dessa possibilidade gerada por meio da literatura contemporânea, a literatura de autoria negra recebe acolhimento e espaço, na qual as pessoas dão a devida importância para essa representatividade. Dessa forma, a autoria negra trata-se do encontro de realidades, abordando a representatividade. Essa literatura de autoria feminina negra presente nos diários de Carolina é o grito de resistência, é a exposição de uma sociedade patriarcal, racista, machista e opressora, a autora evidencia através dos seus escritos as desigualdades sociais, a falta de oportunidade, a miséria, a violência, o racismo e a opressão. A literatura feminina negra é a resistência, são os escritos de mulheres que lutam.

Outra vertente importante a ser mencionada é a invisibilidade, consequência do racismo estrutural, conforme destaca Fabiana Moraes “[...]Essa invisibilidade institucional está relacionada fortemente à identidade do ser humano.” (MORAIS, 2013, p.24) Ou seja, as pessoas que não carregam características e identidades étnicas e raciais da classe dominante acabam sofrendo uma invisibilidade, assim como ocorreu com Carolina, por muitos anos, ela viveu oculta da sociedade.

Carolina Maria de Jesus enfrentou muitos episódios referente ao racismo estrutural, diante disso, Lélia González destaca que: “Não podemos mais calar. A discriminação racial é um juízo marcante na sociedade brasileira, que barra o desenvolvimento da comunidade afro-Brasileira, destrói alma do homem negro e sua capacidade de realização como ser humano...” (GONZALEZ, 1982, p. 43). Conforme destaca a Lélia González não é permitido calar-se diante de situações relacionados a discriminação racial, pois arruína a alma do povo negro.

2.4 A Educação como libertação econômica e porta de saída da miséria

O estudo muda a vida das pessoas pobres e, Carolina Maria de Jesus, apesar do pouco estudo, tem consciência desse fator. Ela é uma leitora que cata livros e leva para casa, escreve um diário com as mais diversas impressões sobre política, a miséria, o comportamento social das pessoas no local em que mora, a manipulação dos políticos em época de eleição, além de falar sobre seus sonhos: sair da favela, ter uma casa de alvenaria, dar educação aos filhos. Essa consciência de Carolina Maria de Jesus possibilita que ela procure transformar para melhor a sua vida e a dos seus filhos. Essa percepção de CMJ remete ao pensamento de Paulo Freire (1921-1977, p.72) que considera a educação libertadora, pois toda educação visa a reflexão, o conhecimento, a criticidade e a transformação. Carolina Maria de Jesus tinha consciência da educação, dessa maneira e entendia que a educação iria libertar tanto ela quanto seus filhos daquela realidade cruel.

Já nos primeiros dias relatados por Carolina, ela deixa visível o seu amor pela escrita e o sonho em escrever, vender seus livros e mudar a sua vida juntamente com os seus filhos “[...]O livro é a melhor invenção do homem” (JESUS, 2021, p.24). Outro momento em que Carolina expõe o seu desejo de mudar de vida por meio da educação e dos livros é no seguinte trecho “[...]É que eu estou escrevendo um livro, para vendê-lo. Viso com esse dinheiro comprar um terreno e sair da favela.” (JESUS, 2021, p. 27).

A autora tinha consciência que os livros eram seus aliados, que a escrita era sua companhia e que através deles mudaria a sua realidade, essa consciência de Carolina tornava ela uma mulher empoderada, cheia de conhecimento, um ser crítico, capaz de não aceitar a sua realidade, pois sabia que mereciam o melhor “[...] Os políticos sabem que eu sou poetisa, e que o poeta enfrenta a morte quando vê seu povo oprimido” (JESUS, 2021, p.39) ela tinha noção da sua dura realidade, mas sonhava em um amanhã melhor. Carolina Maria de Jesus se sente diferente de seus vizinhos e tem orgulho disso: ela é uma mulher que sabe ler, que escreve e que tem livros em casa. Carolina Maria de Jesus tem um objetivo que é mudar de vida e não se

deixar vencer pela miséria que destrói a vida e a alma das pessoas de sua comunidade. Carolina Maria de Jesus é uma mulher que se orgulha da cor de sua pele, do seu cabelo, do seu porte, em nenhum momento ela se diminui ou se sente inferiorizada em ser uma mulher negra, já naquela época é o que chamamos de mulher negra empoderada, acerca do seu corpo, sua cor, do que ela é.

Conforme destaca Jurandir Freire Costa “[...]A identidade do sujeito depende, em grande medida, da relação que ele cria com o corpo.” (COSTA, 1983, p. 6) Carolina tinha uma relação de amor e identificação com o seu corpo, pele, cabelo, com o que de fato ela era:

Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça e ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta (JESUS, 2021, p.64).

Suas opiniões, suas reflexões, seus questionamentos e seu caráter indagador demonstram como Carolina estava a frente do seu tempo, não aceitava o mínimo, tinha posicionamentos firmes, força, garra e muito empoderamento. Carolina Maria de Jesus tem consciência crítica acerca do abandono social e político a que a população da favela se vê submetida e descreve, em muitos dias do seu diário, como a sociedade é cruel e individualista, enfatizando que os favelados só recebiam atenção e doações em épocas políticas.

Carolina observa através de sua janela observa mulheres passarem com seus agasalhos gastos pelo tempo e faz a seguinte ressalva:

Daqui a uns tempos estes palitol que elas ganharam de outras e que de há muito devia estar no museu, vão ser substituídos por novos. É os políticos que há de nos dar devo incluir-me, porque eu também sou favelada. Sou rebotalho, estou no quarto de despejo e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se fora. (JESUS, 2021, p.37)

Carolina sabia da responsabilidade que os políticos tinham sobre aquelas pessoas, que o serviço social precisava ser presente na favela, mas que não existia esse comprometimento com a população, principalmente com os favelados. Como mencionado pela autora, eles eram vistos como lixo, viviam na despensa, no quarto de despejo. “[...]O Palacio é a sala de visitas. A prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos.” (JESUS, 2021, p. 32). Portanto, Carolina Maria de Jesus tem uma clara percepção crítica acerca das classes dominantes que tratam com indiferença a pobreza, e não apresentam políticas públicas que possam transformar a realidade das pessoas da favela.

Conforme menciona Nelson Mandela (2005) “[...]A educação é a arma mais poderosa

que você pode usar para mudar o mundo.” e Carolina sabia disso, que somente a educação salvaria a ela e aos seus filhos da vida miserável que tinham na favela. A autora tinha uma compreensão sobre consciência de classe e realça em alguns trechos que como mulher negra, escritora posiciona-se contra qualquer tipo de opressão, violência e dominação, com isso ela escrevia, fazia dos seus relatos a sua arma, utilizava como denúncia social e uma maneira de conscientizar, como menciona no seguinte trecho, Carolina diz sobre a sua escrita e relata sobre os comentários dos outros moradores da favela: “[...]Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com essas cenas desagradáveis me fornece os argumentos.” (JESUS, 2021, p. 20).

Os diários de Carolina trazem conforto e abraço aos negros, pois ela é carregada de orgulho da sua cor, da sua pele, do seu cabelo e da sua história. A autora ensina muito sobre amor-próprio, “[...]Esquecendo eles que eu adoro...” (JESUS, 2021, p.64) aqui nessa citação ela diz sobre o orgulho em ser uma mulher negra, sobre como o branco diz ser superior os negros, mas realça que é somente um ideal criado por eles “[...] O branco é que diz que é superior” (JESUS, 2021, p. 65), Carolina sente-se orgulhosa de si e dos seus.

Diante de tantas qualidades de Carolina Maria de Jesus, a autora não foi reconhecida pela crítica literária brasileira de sua época. Quando começou a escrever sobre a casa de alvenaria, não escreveu sobre a miséria e fome, mesmo assim, não recebeu o merecido reconhecimento. Ela vendeu poucos livros nesse momento, porque as pessoas queriam ler autonarrativas de uma negra favelada e queriam ler misérias, não aceitavam a ideia de uma mulher negra, ex-favelada morando em uma casa fora da favela, portanto, o não reconhecimento do valor literário de CMJ estava atravessado por um não pertencimento à classe social dominante do sistema literário.

Diante desse não merecimento destinado a autora, surgiram alguns questionamentos feitos durante essa pesquisa: “como seria a escritora Carolina tendo o apoio necessário para continuar com a sua escrita?” “Quantas obras magníficas e repletas de indagações voltadas para sociedade como um todo ela teria escrito? “Quantas escritoras negras, assim como Carolina, não puderam nascer por não se valorizar e acolher essas mulheres?” “Quantas mulheres assim como ela, sonham em ser escritoras?”

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É válido realçar a relevância dos estudos sobre as temáticas: racismo, miséria, abandono social, fome, educação, interseccionalidade e identidade. E também a importância da autoria negra para a

formação de um pensamento crítico e teórico não mais sistematizado pelo olhar branco e preconceituoso. A escrita de autoria negra é vista como registros literários, mas também como escrita de si e de todas as pessoas negras, periféricas e relegadas à invisibilidade e inviabilidade em nossa sociedade e na academia.

A obra de Carolina Maria de Jesus trata-se de um diário no qual se destaca a realidade de uma sociedade, um relato forte e consistente, precisa ser lido, pesquisado, valorizado e estudado. Carolina tem muito o que ensinar. Conforme menciona Dantas no prefácio de *Quarto de despejo* “[...]Carolina se colocou como alguém que tinha o que dizer. E tinha” (JESUS, 2021, p.9).

Abordar o tema abandono social é tocar a ferida exposta e, assim mesmo, negada, pois muitas famílias ainda se encontram na realidade de vida em que esteve Carolina e seus filhos, com isso, percebe-se a atualidade da autora. Temáticas como o racismo, violência, fome, miséria, solidão e descaso precisam ser falados, lidos e expostos, pois através desses relatos é possível combater ou minimizar situações como essas.

REFERÊNCIAS

COSTA, Jurandir Freire. Da cor ao corpo: a violência do racismo. In: SOUZA, Neusa Santos.

Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.

Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983, p. 1 - 16.

DANTAS, Audálio. Prefácio. In: *Quarto de despejo: o diário de uma favelada*. São Paulo.:Ática, 2019, p.2.

EVARISTO, Conceição. SITE: **RFI Convida**. A autoria negra existe e não é de hoje.

Disponível em: <https://www.rfi.fr/br/geral/20170706-conceicao-evaristo-escritora>. Publicado em: 06/07/2017 Acessado:20/10/2022

FERRÉZ. **Literatura Marginal: talentos da escrita periférica**. Rio de Janeiro: Agir, 2005. p.12.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GOMES, Patrícia. **A educação é a arte mais poderosa**. Revista prosa e arte. 2017.

GONZALEZ, Lélia, **Lugar de Negro n03**, rio de janeiro; Marco zero limitado,1982.

_____. **A democracia racial: uma militância.** Entrevista à Revista Sociedade de Estudos e Atividades. UAPÊ REVISTA DE CULTURA N.º 2 – “EM CANTOS DO BRASIL, 2019.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras.** 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022. E-book.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: o diário de uma favelada.** São Paulo. Ática, 2019.

_____. **Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada.** Rio de Janeiro: Paulo de Azevedo, 1961.

MACHADO, Marília Novais da Mata. **OS ESCRITOS DE CAROLINA MARIA DE JESUS: DETERMINAÇÕES E IMAGINÁRIO.** Revista: Psicologia e Sociedade. 2006.

MORAES, Fabiana. **No país do racismo institucional.** Recife: Procuradoria Geral de Justiça, 2013. p. 24 -176.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista.** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SILVA-PEREIRA, **Escrever a própria vida: ASPECTOS ESTILÍSTICOS DO gênero diário pessoal.** Revista Brasileira de Pesquisa, 2016.